

CONJUNTURA

Estudo mostra que os brasileiros continuarão, pelos próximos seis meses, preocupados com o preço de itens essenciais. Ante um cenário de juros altos, consumidores revelam também cautela em relação ao crédito e pretendem poupar mais

Esforço para manter o básico

» FERNANDA STRICKLAND

A inflação parece dar sinais de trégua, mas as famílias brasileiras permanecerão, por um bom tempo, receosas em manter um orçamento doméstico que atenda ao mínimo para sobreviver. Itens básicos, como produtos de higiene, alimentos e combustível, continuarão sendo a principal preocupação nos próximos seis meses. É o que mostra um estudo da TransUnion, empresa global de informações e insights, sobre como a população está lidando com os impactos do cenário econômico. Segundo os dados, 34% ficam apreensivas com o aumento desses gastos.

Embora a inflação e a alta taxa de juros sejam duas das principais preocupações das famílias, existem variações positivas e importantes no que diz respeito à mudança na renda familiar. No terceiro trimestre deste ano, a pesquisa identifica um menor número de pessoas perdendo o emprego (16%), queda de 8 pontos percentuais em relação ao segundo trimestre.

Além disso, menos pessoas tiveram a renda reduzida (18%), diminuição de 3 pontos percentuais comparado ao trimestre anterior. Houve ainda mais pessoas com aumento salarial (16%) — crescimento de 3 pontos percentuais em relação ao segundo trimestre.

A melhora desses indicadores é insuficiente, entretanto, para sossegar as famílias. Apesar da tendência de queda nos índices de inflação, 46% dos entrevistados disseram que suas rendas não acompanharam o nível de aumento de preços observado ao longo do ano. Por outro lado, a pesquisa mostra que o brasileiro está conseguindo guardar mais dinheiro.

"Poupar mais tem sido uma das principais formas de lidar com o cenário econômico do país — no terceiro trimestre, 16% dos entrevistados (ante 10% no segundo trimestre) disseram que aumentaram os investimentos em fundos de aposentadoria, e

Contas no aperto

No terceiro trimestre deste ano, os brasileiros se mostraram apreensivos com o orçamento doméstico, segundo pesquisa realizada pelo instituto TransUnion

34%

dos entrevistados disseram que os gastos com itens básicos, como produtos de higiene, alimentos e combustível, continuarão sendo a sua principal preocupação nos próximos seis meses.

Apesar da tendência de queda nos índices de inflação nos últimos meses, 46% das pessoas disseram que a renda não acompanhou o nível de aumento de preços observado ao longo do ano.

Redução

Em relação aos demais gastos familiares, o estudo mostra que as famílias pretendem reduzir despesas no próximo trimestre.

Motivos para a mudança na renda familiar atual

Salários reduzidos	18%
Salários aumentados	16%
Perdeu emprego	16%
Horas de trabalho reduzidas	9%
Começou um novo negócio	9%
Saiu do trabalho atual	9%
Começou em um novo trabalho	7%
Recebeu benefícios de desemprego ou subsídios do governo	5%
Possui um pequeno negócio que fechou/os pedidos diminuíram	5%
Aposentou-se	5%
Em licença	4%

Fonte: TransUnion

26% (ante 22%), em fundos de emergência nos últimos três meses", aponta o estudo.

Em relação aos demais gastos familiares, o estudo mostra que as famílias planejam reduzir, no próximo trimestre, as despesas, principalmente, com compras em loja física ou no varejo on-line (39% dos entrevistados), gastos pessoais facultativos, como comer fora, viagens, e entretenimento (43%), e grandes compras como eletrodomésticos, e carros (38%).

Por outro lado, apenas 27% das pessoas entrevistadas disseram que esperavam não conseguir pagar integralmente suas contas e empréstimos atuais; uma queda de 13 pontos percentuais em relação ao 2º trimestre. Entre eles, 51% esperavam não conseguir

pagar suas contas de cartão de crédito, seguido por empréstimos pessoais (35%) e contas fixas, como luz, água e gás (12%).

Pé no freio

O levantamento revela ainda que, no terceiro trimestre, os consumidores disseram que vão diminuir as despesas nos próximos três meses em compras em lojas físicas e on-line (39%); gastos facultativos como viagens, entretenimento e comer fora (43%); e grandes compras, como carros e eletrodomésticos (38%).

Já em relação às obrigações existentes, houve uma queda do último trimestre de 13 pontos percentuais entre as pessoas que esperam não



Finanças com toque feminino

Com os múltiplos papéis que exercem no dia a dia — executivas, mães, administradoras do lar, consumidoras ou empresárias — é fundamental que as mulheres tenham um bom planejamento financeiro. Com o intuito de ajudar no controle de finanças, especialistas recomendam hábitos que podem ajudar.

De acordo com Brunna Duarte, head de marketing e uma das fundadoras do Do It Girls Club, comunidade de networking e conteúdo voltada para empreendedoras e executivas, é importante, "primeiramente, estabelecer um orçamento anual para os gastos, definindo bem os valores de cada dívida em percentuais que mostrem o que se pode ou pretende gastar com cada centro de custos, como casa, investimentos, viagens, filhos e outras despesas". "Para ser efetivamente livre, é preciso pagar as próprias contas e lidar com as despesas", relata.

Duarte afirma que é necessário se conscientizar de que a liberdade financeira trará mais possibilidades. "Finanças em dia significa poder ir aonde quiser, proporcionar mudanças e permite, até mesmo, que mulheres se livrem de relacionamentos abusivos e sejam donas de suas próprias escolhas", afirma.

Adriana Tavares, head de Finanças e Gestão da comunidade de networking, dá conselhos práticos. "Se viu algo e se interessou profundamente, entre na loja, olhe e não compre. Saia e volte no dia seguinte, notando se aquele item ainda é importante", aconselha. (FS)

56% dos brasileiros creem que estarão menos endividados em 2023

Mais da metade dos brasileiros (56%) acredita que estará menos endividada em 2023 do que em 2022, aponta a pesquisa Observatório Febraban, divulgada pela Federação Brasileira de Bancos. O levantamento, que investiga as expectativas da população do país para 2023, foi realizada

entre os dias 29 de novembro e 5 de dezembro, com 3 mil pessoas nas cinco regiões do país.

A percepção de menor endividamento em 2023 é mais comum na faixa de 18 a 24 anos (64%), e menos frequente entre os que têm 60 anos ou mais (49%). Por outro lado, para 28% dos entrevistados, o nível de

endividamento em 2023 permanecerá o mesmo que em 2022.

A tendência também é de otimismo em relação à recuperação da situação financeira após a pandemia. Entre os entrevistados ouvidos no levantamento, 60% declaram que ela já está se recuperando, enquanto 23% vislumbram essa

recuperação só depois deste ano. Poucos (9%) avaliam que sua situação financeira não foi afetada, e 3% não vislumbram recuperação.

A impressão de que a recuperação das finanças já está em curso também apresenta oscilações importantes por faixa etária. Enquanto esse percentual é de 66% entre

os de 18 a 24 anos, cai para 53% na faixa de 45 a 59 anos, e é de 55% entre os que têm 60 anos ou mais.

Segundo a pesquisa, as finanças ocupam o primeiro lugar no ranking de aspectos da vida pessoal com mais chance de melhorar em 2023, sendo a escolha de 36% dos entrevistados.

A saúde física aparece em segundo lugar (28%), seguida de saúde mental. Trabalho ou emprego ocupa a quarta posição, com 23% das menções. Relações interpessoais (16%), lazer e entretenimento (12%) e moradia (10%), seguem respectivamente no ranking.

SAÚDE SUPLEMENTAR

Planos regionais veem caminho para crescer

» MICHELLE PORTELA

A crise econômica nacional forçou as operadoras de planos de saúde a diversificarem a oferta de serviços em todo o país. Custando até 40% a menos, os planos regionais se adequaram ao bolso do consumidor em municípios ou em grupos de cidades conurbadas e já somam 21,8 milhões usuários, superando os serviços nacionais, que possuem 19,8 milhões de clientes.

Pela legislação, convênios médicos precisam oferecer pelo menos uma rede de atendimento municipal para operar. Progressivamente, grupos de municípios, estaduais ou grupos de estado, bem como os nacionais, dispõem de redes maiores.

Média de valores

Os valores das mensalidades acompanham a abrangência. Enquanto planos nacionais custam,

em média, R\$ 922, os municipais ficam na casa dos R\$ 577. Planos que atendem em grupos de estados, comuns para grandes empresas, são os mais caros, girando em torno de R\$ 1.443. Serviços que compreendem grupos de cidades possuem preços mensais em média de R\$ 612.

Segundo Marcos Novais, superintendente-executivo da Associação Brasileira de Planos de Saúde (Abramge), os planos municipais ganharam relevância nos últimos anos, mas também foram impulsionados pelo agravamento dos problemas econômicos nacionais durante a crise sanitária e hospitalar. "O mercado de planos de saúde era dominado pela cobertura nacional, mas, já na pandemia, a procura por planos regionais cresceu e já supera, em números de usuários, os nacionais", explica.

De acordo com dados mais recentes da Agência Nacional de

Júlio Lapagasse/CB/D.A Press



Saúde (ANS), em setembro de 2021, os planos nacionais somavam 19,2 milhões e cresceram 2,96%, chegando aos 19,8 milhões de usuários. Nesse período, os municipais atenderam a 21,8 milhões, 3,04% a mais que no ano passado, mantendo o crescimento semelhante ao registrado nos anos anteriores — 19,8 milhões, em 2018; e 20 milhões e 20,1 milhões, em 2019 e 2020, respectivamente, de

acordo com dados da ANS.

Os planos que atendem aos grupos municipais também apresentam melhores resultados do que aqueles com cobertura estadual. Em 2022, usuários do planos de abrangência num determinado estado são 3,7 milhões, com isso, também registrando crescimento de 6,84% do total de usuários. Em relação aos planos por grupos de municípios — com 21,8 milhões de



O mercado de planos de saúde era dominado pela cobertura nacional, mas, já na pandemia, a procura por planos regionais cresceu e supera, em números de usuários, os nacionais"

Marcos Novais, superintendente-executivo da Abramge

usuários —, representam 15,46% do total. Usuários de planos em uma única cidade são 2,3 milhões.

Planos voltados a grupos municipais também apresentam melhores resultados do que aqueles com abrangência estadual. Em 2022, usuários do planos de abrangência num determinado estado são 3,7 milhões, com isso, também registrando crescimento de 6,84% do total de usuários. Em relação aos

planos por grupos de municípios, representam 15,46% do total.

Rol taxativo

Além da economia no vermelho, outro motivo para o desenvolvimento dos planos de saúde regionais está na necessidade de se adaptar à derrubada do rol taxativo, com a publicação da Lei 14.454, no *Diário Oficial da União (DOU)*, uma vez que a nova legislação estabelece que as empresas não podem se negar a atender a uma demanda específica de grupos com necessidades especiais, como autistas. "A queda do rol taxativo aumenta os custos. Claro que, quem opera mais barato, sobrevive melhor", comenta Novais.

Para "trabalhar" mais barato, os planos regionais recorrem à verticalização de serviços, compondo a rede de atendimento e assistência envolvendo uma cadeia local, bem como fornecedores. "Planos regionais tem como principal vantagem a verticalização. Com isso, podem criar estratégias por nicho, como para idosos ou diferentes classes sociais", explica o superintendente-executivo da Associação Brasileira de Planos de Saúde (Abramge).